

**Painel apresentado no 2º Congresso Brasileiro de Herpetologia, realizado na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte – MG, de 10 a 15 de julho/2005**  
**Resumo eletrônico publicado em CDROM**

**Frequência de anomalias numéricas nas placas dérmicas de tartarugas verdes, *Chelonia mydas* (Linnaeus, 1758), em Ubatuba, São Paulo.**

A Família Cheloniidae reúne a maioria das tartarugas marinhas conhecidas atualmente e conta com seis espécies viventes, quatro delas encontradas no Brasil. A identificação das espécies é feita através da contagem de placas dérmicas laterais da carapaça e de pré-frontais da cabeça. Placas pós-orbitais por vezes são citadas como caracteres distintivos. Outras características são usadas, como os formatos da carapaça, cabeça e bico e o número de placas dérmicas do plastrão. Anomalias numéricas como placas infra-numerárias, número de placas inferior ao característico da espécie, ou supra-numerárias, com placas excedentes, podem ter origem genética, embriogênica ou resultar de traumas sofridos nos primeiros anos de vida. Desde 1991, a Base de Ubatuba do Projeto Tamar-Ibama registra ocorrências de tartarugas marinhas capturadas pela pesca, na região. Até 2002, o registro de anomalias numéricas era realizado apenas em casos muito notáveis. A partir de 2003, a verificação tornou-se regular, com a contagem de placas centrais e laterais da carapaça, pré-frontais e pós-orbitais da cabeça. Este trabalho busca quantificar a frequência de anomalias numéricas nas placas dérmicas de indivíduos juvenis da espécie *Chelonia mydas* observados em Ubatuba. Entre janeiro de 2003 e março de 2005, foram registrados 146 indivíduos com anomalias numéricas, representando 13,42% dos animais observados (n=1088). A anomalia mais freqüente é de placas supranumerárias verificadas em 118 indivíduos (10,84%), enquanto 31 (2,85%) apresentaram placas infranumerárias e apenas 3 (0,27%) com as duas anomalias simultaneamente. As variações são mais comuns em placas pós-orbitais (10,48%), seguindo das laterais (1,65%), centrais (1,38%) e pré-frontais (0,27%). A frequência de anomalias variou ao longo dos anos: 1,96% em 2003 (n=357); 18,0% em 2004 (n=572); 22,64% em 2005. Em 2002, antes desta verificação regular, as anomalias foram observadas apenas em 0,25% (n=397). As frequências de anomalias de cada praia de origem foram: 18,38% na Almada (n=136); 14,85% no Cedro (n=101); 17,13% no Camburi (n=321); 17,28% no Lázaro (n=81) e 4,88% na Ilha Anchieta (n=164), onde a menor frequência se deve provavelmente ao fato deste local ser monitorado basicamente por estagiários, que apesar de treinados têm menor experiência na observação destas variações. As frequências de anomalias encontradas sugerem que este tipo de alteração em *C. mydas* é comum na região. A grande diferença entre as frequências observadas antes e depois deste estudo demonstra que estas alterações passam despercebidas na rotina de campo e sua verificação requer observação cuidadosa. A semelhança entre as frequências de anomalias para as praias de origem, somadas aos estudos genéticos que sugerem que as *C. mydas* de Ubatuba compõe uma mesma população, podem indicar que estas frequências sejam características próprias de cada população. As anomalias numéricas de placas representam risco de equívocos na identificação de espécies quando realizadas por pesquisadores menos experientes. A partir da fase juvenil, características como coloração, disposição de placas, forma da carapaça, número de unhas visíveis nas nadadeiras, presença de poros infra-marginais e forma do bico complementam a identificação feita por contagem de placas. Recomenda-se que manuais e chaves de identificação considerem um número maior de características além das placas laterais, buscando minimizar erros de identificação.

Autor(es)	E-mail	Instituição
Almeida, Bruno Amir Dacier Lobato de	brunoamir@gmail.com	Projeto TAMAR-IBAMA
Becker, José Henrique	curupira@tamar.org.br	IBAMA - Projeto TAMAR